



# RENOMEANDO O INGLÊS E FORMANDO PROFESSORES DE UMA LÍNGUA GLOBAL

RENAMING ENGLISH AND EDUCATING TEACHERS  
OF A GLOBAL LANGUAGE

Telma Gimenez<sup>1</sup>

*Universidade Estadual de Londrina*

**Resumo:** A literatura recente sobre a língua inglesa tem sido unânime em destacar seu caráter singular na contemporaneidade, apontando suas relações com mobilidade, comunicação virtual e processos econômicos. A nomeação do Inglês como Língua Franca (ILF) põe em curso diversos questionamentos sobre conceitos tradicionais da linguística e do ensino de inglês como língua estrangeira. Neste artigo discuto alguns desses questionamentos e defendo a importância de se levar em conta esses estudos na formação de professores, tendo em vista que desafiam noções tradicionais de língua e destacam o caráter político de seu ensino. Aponto, igualmente, lacunas a ser completadas por abordagens que situam o inglês no mercado linguístico global.

Palavras-Chave: Inglês como língua franca. Globalização. Formação de professores.

**Abstract:** *The recent literature on the English language has been unanimous in discussing its uniqueness in contemporary life and highlighting its relations with mobility, virtual communication and economic processes. The naming of English as a Lingua Franca (ELF) invites several questions about traditional concepts of linguistics and the teaching of English as a foreign language. In this article I discuss some of these challenges and advocate the importance of taking into account ELF studies in teacher education, considering their challenges to traditional notions of language and their potential to make explicit the political nature of language teaching. I also point out the gaps that can be filled in by approaches that recognize the role of the English language in the global market.*

Keywords: *English as a lingua franca. Globalization. Teacher education*

---

<sup>1</sup> tgimenez@uel.br

---

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura recente sobre a língua inglesa tem sido unânime em destacar seu caráter singular na contemporaneidade, apontando suas relações com mobilidade, comunicação virtual e processos econômicos. (CANAGARAJAH, 2013; JENKINS, 2015; HEWINGS; TAGG, 2012) Se pegarmos qualquer introdução de estudos sobre o inglês e seu papel no mundo de hoje, encontraremos uma grande percentagem deles nos quais fica patente sua proximidade com a palavra “globalização”. O fato de que o inglês e a globalização andam juntos pode ser explicado pelas transformações nas últimas décadas que contribuíram para dar destaque a esses dois conceitos.<sup>2</sup> Embora possa haver controvérsia se a globalização (ou mesmo o inglês) seja fenômeno recente, há um reconhecimento generalizado de que o que vivenciamos atualmente tem elementos de novidade, não só pelo modo como ambos se combinam para reforçar relações sociais, culturais, políticas e econômicas, mas também na forma como estão reformulando nosso entendimento dessas mesmas relações. (MOITA LOPES, 2008, ORTIZ, 2004; PENNYCOOK, 2007) Em 2006, David Graddol já anunciava que o inglês estava deixando de ser uma língua estrangeira para se tornar uma língua global, constatação semelhante à que eu expressara em 1999, quando afirmei

[...] o inglês – caracterizado como língua internacional – não se coloca no mesmo patamar que as outras línguas estrangeiras. Esta posição, amplamente resistida pelos que defendem o ensino de outras línguas, pode reforçar o caráter hegemônico da língua inglesa como meio de comunicação global. Este status, aliás, tem se fortalecido com a Internet e com novas tecnologias de comunicação. (GILMENEZ, 1999, p. 4)

Nas duas últimas décadas, esse distanciamento das outras línguas tem sido reforçado, e diferentes enquadramentos teóricos (e consequentes atos de nomeação) passaram a ser adotados para se referir ao inglês. Dado o caráter relativamente recente de reflexões sobre as novas realidades sociolinguísticas engendradas pelo aumento de conectividades e mobilidades, boa parte da literatura sobre o inglês no mundo trata de esclarecer conceitos e formular teorizações. A diversidade terminológica revela profundas distinções

---

<sup>2</sup> Ortiz (2004, p. 5), cientista social, destaca “A globalização declina-se preferencialmente em inglês. Digo, preferencialmente, pois a presença de outros idiomas é constitutiva de nossa contemporaneidade, mesmo assim, uma única língua, entre tantas, detém uma posição privilegiada”.

---

conceituais sobre a natureza dessa língua e seu papel nos processos de globalização, isto é, o debate terminológico é a ponta do *iceberg*, que abriga uma distinção muito mais profunda, ontológica e epistemológica do que é a linguagem e como podemos melhor compreendê-la. Esse esforço, é claro, só pode ser multidisciplinar. E o quebra-cabeças tem peças que agregam uma análise mais profunda da realidade sociolinguística do inglês, com *insights* de análise do discurso, pragmática, de economia política, a partir de estudos pós-coloniais e de estudos culturais, para citar alguns.

Dada sua expansão ou “relocalização” (SARACENI, 2011), o inglês, além de outras funções, exerce hoje o papel de uma língua franca global. Disto resulta que a discussão sobre o que significa o inglês na atualidade, nas mais diversas partes do mundo, só pode ser plural e, dada a amplitude de suas performances nos mais diversos contextos, não podemos abordar essa língua na sua totalidade. Resta-nos buscar definições contingentes, provisórias, em formação e sob constante reformulação. Não é meu objetivo discutir as distinções entre esses diferentes termos, tarefa já realizada por outros colegas como Rajagopalan (2012), Schmitz (2014) e Jordão (2014).<sup>3</sup>

O rótulo “língua franca” sinaliza o desejo de não incluir situações nas quais o inglês é tratado nos limites de territórios nacionais (seja como primeira língua, língua oficial, segunda língua ou língua adicional). Inglês como Língua Franca (ILF) é um termo que encontra diferentes interpretações, resultando em uma profícua literatura que dele se aproxima sob diversas perspectivas e interesses.

ILF, portanto, é um campo de pesquisa sobre usos contemporâneos do inglês situado sócio-historicamente em um momento de grande instabilidade provocada pelos processos de globalização. Como tal, representa oportunidade para reflexões sobre língua(gem) e processos sociais, relações de poder e inclusão/exclusão em escala mundial. Em outras palavras, ILF integra um quadro no qual fatores linguísticos e econômicos não podem ser desconsiderados em suas relações com a globalização. Ao mesmo tempo, filia-se aos discursos que buscam o apagamento de fronteiras/nações na relação entre pessoas de diversas partes do mundo.

O que assistimos, na atualidade, é uma crescente e dinâmica ampliação dos sentidos atribuídos às línguas e a identificação da necessidade de novos

---

<sup>3</sup> No exterior, vide Pakir (2009), Friedrich e Matsuda (2010), Seidlhofer (2011), Seargent (2012) e Canagarajah (2013).

---

paradigmas para definição de sua diversidade, apagada por ideologias linguísticas derivadas de visões estruturalistas. (BLOMMAERT, 2010) Portanto, assistimos a uma efervescência conceitual refletida na literatura pela adoção de diferentes correntes teóricas e suas terminologias e também pelas implicações delas decorrentes.<sup>4</sup> Muitas vezes tentativas de esclarecimento acabam por confundir ainda mais, ao acrescentarem outros termos ou imprimirem um sentido específico distinto do que autores seminais no campo têm proposto. Um exemplo é a definição de ILF que, embora possa ser reconhecida por três diferentes abordagens,<sup>5</sup> é frequentemente tomada como uma variedade de inglês. Parte dessa nebulosidade resulta da própria produção bibliográfica, com diferentes pesquisadores associados ao ILF advogando diferentes entendimentos, o que será discutido adiante.

Neste texto, defendo que essa diversidade conceitual sinaliza o reconhecimento de que o momento atual coloca em xeque muitos dos pressupostos que governam os estudos linguísticos. (BLOMMAERT, 2010; RAJAGOPALAN, 2011) Meu interesse está em problematizar as implicações para a formação de professores conforme publicações alinhadas com a perspectiva do ensino de inglês como uma língua com características emergentes em situações de uso não definidos geograficamente, seja pela adoção do termo “internacional”, seja pelo uso do termo “língua franca”. Assim, ao empregar o termo “ILF”, faço-o não por filiação estreita aos estudos assim rotulados, mas por entender que, nos contextos internacionais onde falantes de diferentes línguas maternas interagem, o inglês funciona como uma língua franca. Evidencio, assim, que a adoção do termo, assim como o faz MacKenzie (2014), não significa que atribuo a essa prática um caráter de neutralidade ou atemporalidade, como parece ser a interpretação de críticos do ILF. (O’REGAN, 2014)

Saliento que a delimitação desse foco não obscurece o reconhecimento de que a globalização linguística configura-se como um campo amplo que requer

---

<sup>4</sup> Considero a efervescência dessa discussão fruto dos realinhamentos provocados pela proposta de renomeação da língua inglesa diante da complexidade de seus usos e funções. Como tal, não é uma questão menor, mas evidência fundamental de nova realidade e de novas discursividades. (FAIRCLOUGH, 2006)

<sup>5</sup> Para Cogo e Dewey (2012, p. 11), há três maneiras de se definir ILF: a) em termos de seus contextos de uso, no qual é usado como principal língua de contato; b) em termos de sua função, como meio de comunicação por falantes de diferentes línguas maternas em tais contextos; e c) como um paradigma de pesquisa emergente como novo campo de pesquisa sociolinguística.

---

abordagem transdisciplinar e que suas implicações não se reduzem a aspectos pedagógicos, conforme já salientei. O recorte sob o prisma educacional aqui feito tem como propósito suscitar questionamentos sobre as eventuais contribuições das reflexões sobre inglês global, considerando o que Park e Wee (2012, p. 166, tradução nossa) colocam, e que representa o posicionamento de muitos pesquisadores atuantes nessa área:<sup>6</sup>

[...] queremos evitar propostas prematuras com pouca probabilidade de sucesso ou formular sugestões provisórias como resposta absoluta. Também queremos evitar a implicação de que a produção de “soluções pragmáticas” seja melhor do que atividade crítica mais profunda. Certamente não estamos sozinhos neste sentimento, e tal relutância, com certeza, é denominador comum dentre os estudiosos do inglês global – o que pode ser parte dos motivos pelos quais muitas perspectivas teóricas sobre o inglês global revistos neste livro são vagos sobre as implicações práticas que podem oferecer.

Apesar do tom cauteloso desses autores, muitos acadêmicos têm procurado discutir as potenciais consequências de suas teorizações para o ensino (e, conseqüentemente, para a formação de professores). Esse tipo de preocupação parece evidente dentre os pesquisadores que se identificam sob o guarda-chuva de ILF. (DEWEY, 2014; SIFAKIS, 2014) Na próxima seção, trarei algumas dessas contribuições, em meio às controvérsias sobre a propriedade de seus conceitos.

## 2 ILF E (ALGUNS DE) SEUS CRÍTICOS

É relativamente recente a adoção da nomenclatura “língua franca” para designar aquilo que há muito vem sendo reconhecido: o uso crescente da língua inglesa em encontros interculturais, nos quais os interagentes, oriundos de múltiplas realidades sociolinguísticas, recorrem a ela para atingir seus propósitos comunicativos. Esse termo já fora usado para referir-se a uma variedade linguística falada no sudeste da região mediterrânea entre os séculos XV e XIX que, de acordo com Knapp e Meierkord (2002, p. 9), era “um *pidgin*,

---

<sup>6</sup> [...] we want to avoid making premature proposals that are unlikely to work or framing tentative suggestions as absolute answers. We also want to avoid implying that producing “pragmatic solutions” is more valuable than deeper critical activity. We are certainly not alone in feeling this way, and indeed such reluctance is common among researchers of global English – which could be part of the reason why many theoretical perspectives on global English that we have reviewed in this book are often vague about what kind of practical applications they can offer.

---

provavelmente baseado em alguns dialetos italianos antigos e que incluía elementos de espanhol, francês, português, árabe, turco, grego e persa”. Embora o ILF não seja um *pidgin*, sua natureza híbrida pode ser comparada aos usos contemporâneos do inglês, que exerce uma série de funções em diferentes contextos e protagoniza um papel distinto das demais línguas no contexto da globalização. “Língua franca”, enquanto denominação para os usos do inglês na atualidade, difere, portanto, daquele sentido inicial. Isso, contudo, não significa que não haja inúmeras controvérsias e confusões com relação a esse construto, conforme já aponte.

Entretanto, é um termo que vem sendo empregado para identificar um conjunto de pesquisadores em um campo relativamente novo (as duas publicações tidas como seminais datam do início do ano 2000)<sup>7</sup> e suas bases teóricas e empíricas estão em fase de desenvolvimento. Algumas iniciativas recentes, como a criação de um periódico específico (*Journal of English as a Lingua Franca*), a realização de sete congressos sobre “English as a Lingua Franca” e a série *Developments in english as a lingua franca*, da editora De GruyterMouton, são exemplos desse crescimento.

A dicotomia falante nativo/não nativo tem sido central nas definições de ILF baseadas em contextos de uso. Embora inicialmente tenham sido privilegiadas interações nas quais a maioria fosse de falantes não nativos, definições mais recentes não excluem falantes de qualquer um dos círculos de Kachru (SEIDLHOFER, 2011), ainda que o enfoque seja dado a contextos onde predominam falantes não nativos. Ao tomar essa realidade sociolinguística como foco, os estudos buscam não necessariamente identificar uma variedade do inglês para codificá-la, mas estudar os usos inovadores da língua, com interesse maior pelos processos que permitem a emergência dessas formas do que as formas em si mesmas. De acordo com Cogo e Dewey (2012, p. 13, tradução nossa)

as pesquisas realizadas neste quadro referencial buscam identificar, descrever e fazer sentido dos processos em operação em situações de fala de língua franca que, ao fazê-lo, fornecem exemplos de formas linguísticas inovadoras. Isto é feito não com a intenção de ‘corrigir’ a língua, por assim dizer, e nem identificar as propriedades do ILF como uma variedade, mas sim ilustrar sua natureza híbrida e mutável.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Jenkins (2000) e Seidlhofer (2001).

<sup>8</sup> Research conducted within this framework aims to uncover, describe and make sense of the processes in operation in lingua franca talk, and in doing so provides incidences of

---

Contudo, essa é uma proposição que contrasta com as publicações iniciais, associadas especialmente às pesquisadoras Seidlhofer e Jenkins. Em virtude do interesse em documentar regularidades na língua, o chamado “projeto ILF” tem sido visto como uma tentativa de codificar ILF como variedade.<sup>9</sup> Contudo, estudos mais recentes têm procurado deslocar o foco na forma para abordar conceituações de língua como prática (*practice-based perspective*), na qual a pragmática ocuparia lugar de destaque, embora Canagarajah (2013, p. 64) faça a ressalva de que essa transição não foi completada: “Os pesquisadores de ILF ainda atribuem lugar de destaque para as normas gramaticais e tratam as estratégias de negociação como adendos, em pé de igualdade com as formas”.

Para ele, a perspectiva de língua como prática postula que forma e função derivam da prática e, por isso, acredita que os estudos em ILF serviram para pavimentar o terreno para o conceito de translíngua, por ele adotado. Contudo, Cogo (2012, p. 99) reforçava: “ILF não é mais visto como uma variedade, mas como um conjunto de práticas. O objetivo da pesquisa sobre o ILF não é identificar características comuns, mas salientar as estratégias pragmáticas adotadas pelos falantes”.

Observamos, assim, que há movimentos no modo como os pesquisadores em ILF vêm definindo a língua inglesa em termos de seu uso “entre falantes de diferentes línguas maternas, para os quais [...] é o meio de comunicação escolhido, e frequentemente, a única opção”. (SEIDLHOFER, 2011, p. 7) Mais recentemente, Dewey (2014, p. 14) assim o define: “[...] um contexto de ILF é qualquer situação comunicativa na qual falantes de dois ou mais backgrounds linguístico-culturais usam inglês como uma língua de contato”.

As pesquisas em ILF têm abordado aspectos como pronúncia, léxico, lexicogramática e pragmática. (JENKINS, 2015) Cogo (2011) relata que estudos empíricos revelam que, contrariamente ao esperado, os interagentes em situação de língua franca buscam atingir seus propósitos comunicativos e se valem de estratégias de acomodação. Assim, a comunicação se orienta para o conteúdo, e divergências de padrões de falantes nativos têm posição

---

innovative language forms. This is undertaken not from a position of attempting to ‘fix’ the language, as it were, nor to identify the properties of ELF as a single variety, but rather to illustrate its hybrid, mutable nature.

<sup>9</sup> Canagarajah (2013, p. 63), citando uma publicação de Seidlhofer de (2004), afirma: “é evidente que o ILF está sendo tratado como variedade que pode ser codificada em termos de suas características linguísticas”.

---

secundária. De acordo com ela, as várias estratégias de negociação encontradas, dentre as quais sinalização, repetição, paráfrase e metadiscorso, revelam a natureza cooperativa dessas interações.

Essa é uma posição tida como “angelical” por Mackenzie (2014), pois os pesquisadores de ILF caracterizam como criativos e inovadores os usos tidos pelos parâmetros de pesquisas em aquisição de segunda língua como erros. Segundo ele, são conclusões baseadas em um *corpus* limitado de falantes com alto grau de instrução (a maioria acadêmicos em países europeus) e que não leva em conta que nem todas as interações são voltadas para cooperação, ponto também levantado por O’Regan (2014), para quem os terroristas do Exército Islâmico também se valem de ILF, para comunicação com seus reféns e com a comunidade mundial. (O’Regan, comunicação pessoal) Ademais, ele aponta, acomodação é uma característica que não distingue ILF, pois, ao redor do mundo, há pessoas fazendo isso em suas próprias línguas.

Contudo, é na proposta de redirecionamento do ensino de inglês para falantes de outras línguas que o “projeto ILF” encontra maior resistência, pois sustenta-se sobre a noção de que o maior número de falantes não nativos de inglês, em comparação com os que o adquirem como língua materna, torna a aderência às normas do falante nativo menos relevantes. Isso justifica a existência do projeto com o objetivo de documentar essas interações para subsidiar o ensino de inglês. Central nesse esforço é identificar os fatores que facilitam a comunicação ou interação sem afetar a compreensão (ou inteligibilidade), para torná-los parte do currículo. Entretanto, como apontam Park e Wee (2014, p. 44), as limitações do *corpus* podem minar esse objetivo, ao focalizar pessoas que tem sua mobilidade em esferas elitistas, como negócios, ciência, tecnologia e mídia: “O tipo de inglês que o projeto ILF está interessado é, em outras palavras, um tipo de inglês ‘educado’. Ainda que o projeto adote uma visão anti-hegemônica em relação à dicotomia falante nativo/não nativo, parece pressupor um uso da língua baseado em classe social”.

As críticas de Park e Wee (2014) se devem essencialmente ao fato de o projeto ILF estar calcado em uma visão de língua como estável. Para eles, assim como para Canagarajah, se o inglês for visto como uma prática, o projeto ILF terá mais chance de avançar. Assim, sugerem que

A noção de ILF teria que se referir a um repertório de práticas que falantes adotam ao navegarem pela multiplicidade de contextos específicos nos quais falantes oriundos de diferentes backgrounds linguísticos e culturais tentam usar inglês



---

como um meio de comunicação compartilhado. (PARK; WEE, 2014, p. 51, tradução nossa)<sup>10</sup>

É exatamente nessa direção que caminham os estudos de ILF. (GIMENEZ et al., [2015]) Muitas das restrições aos estudos resultam ou do contato com literatura menos recente ou de divergências resultantes de perspectivas teóricas distintas das adotadas pelos estudiosos de ILF.<sup>11</sup>

Independentemente das polêmicas em torno do ILF (por exemplo, se é ou não uma variedade, se adota uma visão ingênua dos processos de globalização nos quais o inglês está inserido, se sofre de inconsistências conceituais), o fato é que se trata de uma perspectiva que desmistifica o falante nativo, reconhece a variabilidade na língua e busca construir identidades de falantes para os aprendizes, cujo desempenho tem sido avaliado por réguas estabelecidas por uma indústria (GRAY, 2010) que se beneficia da existência de um padrão para o ensino. Nesse sentido, os estudos sobre os contextos nos quais o inglês é desempenhado como língua franca abrem caminho para exploração da diversidade e variabilidade, o que se contrapõe aos princípios que têm guiado o ensino de inglês como língua estrangeira, tópico que será tratado na seção seguinte.

### 3 ENSINO DE INGLÊS: LÍNGUA ESTRANGEIRA OU LÍNGUA FRANCA?

Ao redor do mundo, em países do círculo em expansão, o ensino de inglês tem sido caracterizado como o de uma língua estrangeira e essa denominação tem sido desafiada por estudos de ILF. O inglês ensinado como língua estrangeira trabalha com noções como o de grupos de falantes situados geograficamente (geralmente Estados Unidos e Inglaterra), ignorando a complexidade de situações sociolinguísticas geradas a partir de interações multilíngues. Objetivos de aprendizagem são geralmente voltados para fazer com que os aprendizes se aproximem o máximo possível do falante nativo. Ao

---

<sup>10</sup> [...] the notion of ELF would have to refer to a repertoire of practices that speakers employ in navigating through a multiplicity of specific contexts where speakers coming from different linguistic and cultural backgrounds attempt to use English as a shared means of communication.

<sup>11</sup> Ressalto aqui, especialmente, as de O'Regan, pautadas por estudos marxistas, que situam o inglês sob o prisma da economia política.

---

apontar os limites desse tipo de abordagem, o ILF tem sido interpretado, erroneamente, como vimos, como uma variedade internacional do inglês a substituir as tradicionalmente adotadas nos cursos.

Para além das distinções terminológicas e confusões conceituais, a questão, no entanto, é se há vantagem em levar em conta os estudos de ILF para o ensino de língua inglesa hoje nas escolas de educação básica, levando-se em conta sua vinculação com os fluxos globais, nos quais os interagentes não podem ser facilmente identificados. Excluindo-se os contextos de ensino de inglês para fins específicos, nos quais as necessidades dos aprendizes podem ser mais facilmente determinadas, quais critérios poderiam nortear as decisões pedagógicas?

É aqui que entra a formação de professores para essa nova realidade. Embora tenha havido substancial avanço, nos últimos anos, na literatura sobre ILF, o interesse pelas implicações pedagógicas das reconceituações de língua(gem) e da educação linguística em inglês tem sido objeto de reflexões dentre os pesquisadores estrangeiros apenas mais recentemente. (BAYYURT; AKCAN, 2015; DEWEY, 2014; SIFAKIS, 2014; WALKER, 2010)

É importante observar que, enquanto a literatura produzida especialmente na Europa, na primeira década do século XXI, concentrou-se em estabelecer as bases epistemológicas dos estudos de ILF, as publicações brasileiras nos últimos anos focalizaram discussões conceituais (necessárias para explicitar os posicionamentos sobre as diferentes terminologias), possíveis repercussões de novas definições para o ensino e crenças de professores e aprendizes sobre a diversidade da língua inglesa e seus usos em diferentes contextos. (BORDINI; GIMENEZ, 2014)

Podemos inferir que, embora estejamos ainda em fase de (re)significações sobre o que seja ILF, este tem sido um construto útil para repensar a formação de professores de inglês atuantes nas escolas brasileiras, especialmente aqueles envolvidos com a educação básica. Essa perspectiva permite reflexões sobre o que seja inglês na contemporaneidade, como este se relaciona com outras práticas sociais e, principalmente, qual a relação de uma língua com tal abrangência com os processos econômicos e os discursos sobre globalização. Isso é particularmente relevante, se considerarmos que o inglês entendido como língua franca global ocupa posição privilegiada para provocar esse deslocamento de sentidos, permitindo articulações mais visíveis entre língua, poder e ideologia, especialmente se considerarmos sua representação como

---

“commodity”. (GRAY, 2010) Em suma, pensar o inglês como língua franca global permite explicitação do caráter político de seu ensino.

Seidlhofer (2004, p. 228, tradução nossa) registra a relevância dessas mudanças para a formação de professores:

[...] o ensino de inglês está atravessando uma fase pós-moderna nas quais as formas e asserções antigas estão sendo rejeitadas, embora nenhuma outra nova ortodoxia esteja sendo oferecida no lugar. Este estado de coisas torna a distinção entre educação e treinamento mais relevante do que nunca: ao invés de somente ser treinado em um conjunto restrito de técnicas pré-formuladas para contextos de ensino específicos, professores precisarão de uma formação mais abrangente que os possibilite a julgar as implicações do fenômeno do ILF para seus próprios contextos e adaptar o ensino para as exigências específicas dos alunos. Tal formação de professores fomentaria uma compreensão do processo de variação linguística e mudança, o relacionamento entre língua e identidade, a importância dos fatores sociopsicológicos na comunicação intercultural e a natureza suspeita de qualquer solução supostamente universal para problemas pedagógicos.<sup>12</sup>

A dupla caracterização do ensino de inglês como língua estrangeira<sup>13</sup> e como língua franca (com o deslocamento do falante nativo como norma e foco no sucesso comunicativo) faz com que seu ensino apresente tensões para questões pedagógicas. O professor de língua inglesa assiste hoje a um grande número de questionamentos sobre os princípios que vinham norteando seu ensino, desde sua associação a países que a têm como primeira língua até os objetivos comunicativos tidos como primordiais para seus aprendizes. (GIMENEZ, 2007; EL KADRI; GIMENEZ, 2013)

---

<sup>12</sup> [...] the teaching of English is going through a truly postmodern phase in which old forms and assumptions are being rejected while no new orthodoxy can be offered in their place. This state of affairs makes the familiar distinction between education and training more relevant than ever: Rather than just being trained in a restricted set of pre-formulated techniques for specific teaching contexts, teachers will need a more comprehensive education which enables them to judge the implications of the ELF phenomenon for their own teaching contexts and to adapt their teaching to the particular requirements of their learners. Such teacher education would foster an understanding of the processes of language variation and change, the relationship between language and identity, the importance of social-psychological factors in intercultural communication and the suspect nature of any supposedly universal solutions to pedagogic problems.

<sup>13</sup> Do ponto de vista pedagógico, considerar o inglês como língua estrangeira ou como língua franca revela um posicionamento de abertura ou fechamento para a variabilidade inerente naquela língua. Enquanto o primeiro destaca um aprendizado para interação marcada pela normatividade de variantes de prestígio em contextos onde é língua materna, o segundo reconhece que a não obediência a essa normatividade será sujeita a julgamentos por parte dos próprios interlocutores.

---

Os acadêmicos interessados na recontextualização pedagógica advindas dos estudos de ILF têm proposto que essa perspectiva oriente os processos formativos de profissionais envolvidos com o ensino de inglês.<sup>14</sup> Cogo e Dewey (2012) nos informam que a diversidade linguística tem encontrado pouco espaço nos currículos, embora o certificado *Diploma in Teaching English to Speakers of Other Languages* (Delta) tenha recentemente incorporado consciência sobre ILF e *World Englishes*.<sup>15</sup> Para Dewey (2014, p. 15), “a fluidez e hibridismo observados pelas pesquisas de ILF se chocam com a caracterização típica nos contextos educacionais”. Mais adiante, acrescenta: “O ensino-aprendizagem de inglês é baseado – praticamente de modo exclusivo – na promoção das normas de um número limitado de variedades [Inglês Americano e Britânico], e há pouco espaço para reconhecimento da diversidade linguística”. (DEWEY, 2014, p. 15)

Mais do que discutir implicações pedagógicas, como faz boa parte da literatura na área, Dewey sugere engajamento com professores para explorar as possibilidades de incorporação de ILF no ensino. Para isso, seria necessário expor as ideologias sustentadas por materiais didáticos e por programas de formação que reforçam as variedades de prestígio, ou seja, pela análise crítica de crenças e práticas. Aquele pesquisador relata um projeto no qual, por meio de narrativas, professores refletem sobre suas experiências de ensino-aprendizagem com foco em suas noções de conhecimento e competência linguística.

Em texto publicado anteriormente (DEWEY, 2012), propunha que os seguintes objetivos fossem considerados:

- 1) Pesquisar e salientar os contextos socioculturais nos quais o inglês será usado;
- 2) Aumentar a exposição à diversidade de usos globais do inglês;
- 3) Propor variantes alternativas sempre que salientar formas linguísticas;
- 4) Engajar-se em discussões críticas sobre globalização e a crescente diversidade do inglês;

---

<sup>14</sup> Bayurt e Akcan (2015) organizaram uma coletânea de propostas, a partir de comunicações apresentadas durante a 5ª Conferência de Inglês como Língua Franca (ELF5), realizada em Istambul em 2012.

<sup>15</sup> Para uma discussão aprofundada sobre as diferenças e semelhanças entre ILF e *World Englishes*, ver (COGO; DEWEY, 2012).

- 
- 5) Gastar proporcionalmente menos tempo em formas de inglês como língua nativa, especialmente se não forem usadas em outras variedades;
  - 6) Focar (mais) em estratégias comunicativas, como por exemplo, habilidades de acomodação, ajuste aos repertórios dos interlocutores, sinalização de incompreensão, pedido/fornecimento de repetições, paráfrases etc.

Sifakis (2007), também movido pelo desejo de fazer formação de professores, propõe o que chama de abordagem transformadora. Nessa abordagem, os professores confrontam visões cristalizadas como: a importância do inglês padrão, o papel dos falantes nativos e a negociação das identidades de não nativos em situações de comunicação intercultural, a imposição de uma atitude imperialista que permeia o ensino de inglês como segunda língua e as decisões pedagógicas delas decorrentes. Em sua proposta, essa abordagem, de natureza reflexiva, realiza-se em várias etapas: 1) preparação, na qual os professores narram sua relação com a língua inglesa; 2) identificação das principais questões em ILF, quando exemplos de comunicação em ILF são abordados (participantes transcrevem trechos de gravações) e explicitam atitudes e desenvolvem análises linguísticas desses exemplos; 3) conscientização de questões secundárias de ILF, na qual os professores tomam contato com a literatura sobre inglês global, ILF etc.; 4) ILF e pedagogia, etapa na qual os professores são convidados a refletir sobre suas identidades como professores e as escolhas pedagógicas, tomando como fontes seus planos de aula, materiais didáticos ou outras fontes que permitam explicitar e analisar suas práticas; 5) formulação de um plano de ação. Nessa fase, tomando as anteriores, os professores elaboram novas propostas pedagógicas incorporando as perspectivas discutidas anteriormente sobre aspectos linguístico-comunicativos e pedagogia do ILF. Essa proposta tem sido implementada com professores na Grécia e Turquia, conforme relatado por Bayyurt (2014) e Sifakis (2014).

A sequência proposta permite que professores se engajem diretamente com dados produzidos em contextos de ILF e os relacionem à sua prática, assim como integrem essas reflexões com a literatura. Ao propor a abordagem transformadora com reflexão em uma perspectiva de aprendizagem sociocultural, Sifakis se alinha com Dewey (2014). Para ele, contudo, são os

---

próprios professores que precisam decidir se querem ou não valer-se das conclusões de estudos de ILF para suas salas de aula.

No levantamento de estudos sobre ILF no Brasil, Bordini e Gimenez (2014) identificaram pelo menos 20 estudos, entre 2005 e 2011, que sinalizavam preocupação com aspectos de ensino, o que demonstra o interesse por recontextualizações pedagógicas em nosso contexto.

Pesquisas revelam que, embora professores aceitem a ideia de que o ideal de proficiência de falante nativo é quase inatingível, esse continua sendo o objetivo proposto para a grande maioria dos aprendizes. (BERTO, 2009; EL KADRI, 2010; JENKINS, 2007) Assim, a aceitação lógica de que há variabilidade na língua, especialmente no que tange seu uso como língua franca, não tem sido suficiente para provocar mudanças curriculares.

De fato, embora tenha havido várias sugestões sobre implicações pedagógicas do ILF para nosso contexto de ensino (ASSIS-PETERSON; COX, 2013; EL KADRI; GIMENEZ, 2009, 2013; EL KADRI; CALVO; GIMENEZ, 2014; GIMENEZ; CALVO; EL KADRI, 2011), pouco se sabe sobre o modo como a formação de professores nos cursos de Letras, por exemplo, tem lidado com essa perspectiva, seja com a denominação ILF seja com outra qualquer que denote o caráter distintivo do inglês na vida contemporânea.<sup>16</sup> Parece, contudo, que algumas iniciativas têm dado destaque a essa perspectiva. (GIMENEZ; CALVO; EL KADRI, 2015)

#### 4 QUESTÕES EM ABERTO

Além das transformações pedagógicas advindas da reconceituação do inglês, sua caracterização como ILF enseja igualmente considerações sobre a natureza política de sua distribuição e aprendizado. Dado que essa língua acena para a possibilidade de inserção/exclusão, as identidades constituídas no interior de relações entre o local e o global precisam ser problematizadas em um processo educacional que se pretende crítico. (MOITA LOPES, 2005, 2008) É fundamental contextualizar ILF, ou usos do inglês no mundo, no quadro da globalização econômica, isto é, situar sua promoção dentre as estratégias de desenvolvimento pautado nos princípios do neoliberalismo. (BLOCK; GRAY; HOLBOROW 2012) Para Block e colaboradores (2012, p. 61), na linguística

---

<sup>16</sup> Ver Calvo, El Kadri e Gimenez (2014).

---

aplicada, a globalização tem sido um tema abordado principalmente sob o ponto de vista da cultura e identidades:

[...] o que emerge na linguística aplicada é uma visão de globalização quase que exclusivamente associada à cultura. [...] isto tem servido para marginalizar os aspectos mais materiais de nossa existência, a qual, numa perspectiva marxista de base e superestrutura, são fundacionais da cultura.

Assim, procuro tratar de uma das críticas feitas por O'Regan (2014, p. 16) ao que chama de "movimento ILF", ao afirmar que

A maioria dos aprendizes de inglês não alcançam o status de usuários por conta das desigualdades econômicas, raciais e de gênero que marcam historicamente muitas sociedades. A partir de uma perspectiva histórico-social diacrônica, o movimento ILF negligencia a história e a realidade do capitalismo – e mais recentemente – do neoliberalismo – e o modo desigual como este aloca recursos linguísticos e econômicos para as classes sociais e grupos com base em raça e gênero, em nações e no sistema mundial.

Ter consciência dessa situação de desigualdades pode ser um primeiro passo para a construção de outras narrativas, principalmente se considerarmos que pedagogias sensíveis ao ILF podem ser promotoras de identidades de inclusão. (ASSIS-PETERSON; COX, 2013) Excluindo-se essa possibilidade, restaria para nós somente lamentar as mazelas do capitalismo. Em suma, compreendo ser crítico não só apontar as interconexões invisíveis entre inglês e desigualdades sociais, entre inglês e globalização excludente, mas também propor alternativas.

Tendo explicitado os motivos pelos quais adoto o termo língua franca para sinalizar filiação a um paradigma de pesquisa que amplia entendimentos sobre língua como prática social em situações de comunicação multicultural, busco situar suas implicações para o ensino, ampliando sua contextualização no quadro dos discursos da globalização. Assim, adoto o conceito de Fairclough (2006) de que globalização representa processos "reais", independentemente das pessoas os reconhecerem ou não, ou de como são representados. E existem os discursos da e sobre globalização. Assim, o ILF pode ser visto como um dos aspectos da globalização compreendida como mudanças na escala de interatividade entre pessoas de diferentes lugares e línguas maternas, permitindo a construção de discursos de eliminação de fronteiras. Tal como Fairclough (2006), assumo que existem usos do inglês como língua de comunicação em situação de língua franca e existem representações discursivas

---

sobre essa realidade. Ou seja, o inglês é desempenhado em situações concretas da vida social e este é representado discursivamente de diferentes maneiras que, por sua vez, impactam esses desempenhos na língua. Os avanços tecnológicos e os processos migratórios tornam essas interações potencialmente virtuais e desterritorializadas (SIQUEIRA, 2011), porém, não necessariamente igualitárias.

De fato, as questões de economia política poderiam ser mais incisivamente tratadas, ou seja, ao invés de uma assumida “neutralidade” do conceito ILF, seus próprios pressupostos poderiam ser colocados em xeque, considerando-se a vinculação da língua inglesa com os processos de globalização.

Boa parte das críticas ao ILF são feitas pelo contraste entre ensino de uma variedade padrão, normativa, com valoração no mercado das línguas (PARK; WEE, 2014) e um ensino voltado para estratégias pragmáticas. Entretanto, são posições marcadas por diferentes pontos de partida: no primeiro caso, a noção de variedade linguística e sua codificação estão no cerne no ensino-aprendizagem; no segundo caso, trata-se de afastamento da noção de variedade. ILF assenta-se sobre o pressuposto de que as formas emergem dos contextos comunicativos e são marcadas por variabilidade, em constante fluxo, resistentes à codificação. Ensinar na perspectiva do ILF seria mais do que expor aprendizes a diferentes variedades de inglês, seria questionar a própria noção de variedade.

Isso representa uma mudança radical no modo como o ensino de inglês vem sendo proposto, mesmo por acadêmicos simpáticos à diversidade linguística. Ao que parece, nosso campo profissional vem sendo desafiado pela perspectiva do ILF, mas ainda em estágio conceitual. A realidade de seu ensino, alicerçada em políticas favoráveis a uma (ou duas) variedade(s) padrão, a indústria que sustenta as práticas pedagógicas e o mercado linguístico do inglês continuam a pressionar na direção de seu ensino como uma língua estrangeira. Por esse motivo, considerações sobre a política do ensino de inglês não poderiam ficar de fora das propostas de formação de professores na perspectiva do ILF, ainda que essa reflexão crítica conduza à constatação de que estaremos melhor servindo nossos alunos ensinando-lhes um inglês padrão.



---

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procurei trazer alguns aspectos relativos aos estudos do inglês como uma língua franca global, especialmente os vinculados aos pesquisadores filiados ao chamado “projeto ILF”. Apontei que, em virtude do caráter dinâmico desses estudos, nos quais as formulações teóricas estão em constante fluxo e sujeitas a reformulações, muitas das críticas encontram-se superadas pela proposição de que o inglês seja caracterizado como uma prática social, na qual as formas emergem na interação e os interlocutores negociam estratégias pragmáticas para alcançar seus propósitos comunicativos.

Contudo, o ensino de inglês como língua estrangeira ao redor do mundo tem se orientado por visões centradas em normatizações associadas a variantes de prestígio, com forte foco nas formas padronizadas vinculadas especialmente às variedades norte-americana e britânica. Procurei trazer algumas das propostas para formação de professores, ancoradas em abordagens reflexivas para exame de crenças e conscientização sobre ILF. Apontei a incipiência dessas propostas e relatos de experiências no contexto brasileiro, marcado pelo reconhecimento da abrangência do inglês no mundo, mas com tímidas alternativas ao que historicamente vem sendo desenvolvido no seu ensino como língua estrangeira.

Como horizonte futuro, penso ser relevante uma análise das propostas oriundas das pesquisas em ILF *vis-à-vis* suas críticas, procurando estabelecer de que modo as salas de aula podem se tornar espaços para uma aprendizagem sensível às realidades sociolinguísticas engendradas nos processos de globalização econômica, além da cultural e linguística.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS-PETERSON, A. A.; COX, M. I. P. Standard English & World English: entre o siso e o riso. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 153-166, 2013.
- BAYYURT, Y. ELF as a tool for teacher empowerment. En: ELF 7 PRE-CONFERENCE EVENT. 7., 2014, Athens. *Anais...* Athens: ELF Organizing Committee, 2014.
- BAYYURT, Y.; AKCAN, S. (Ed.). *Current perspectives on pedagogy for English as a Lingua Franca*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015. (Developments in English English as a Lingua Franca, 6).

- 
- BERTO, P. L. *English a lingua franca: a study of Brazilian English teachers' attitudes and opinions towards it*. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Ingleses e Americanos) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.
- BLOCK, D.; GRAY, J.; HOLBOROW, M. *Neoliberalism and Applied Linguistics*. London: Routledge, 2012.
- BLOMMAERT, J. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BORDINI, M.; GIMENEZ, T. Estudos sobre inglês como língua franca no Brasil (2005-2012): uma metassíntese qualitativa. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 17, n. 1, p. 17-43, 2014.
- CALVO, L. C.; EL KADRI, M.; GIMENEZ, T. Inglês como língua franca na sala de aula: sugestões didáticas. In: ELKADRI, M. S.; PASSONI, T. P.; GAMERO, R. (Org.). *Tendências contemporâneas para o ensino de língua inglesa: propostas didáticas para a educação básica*. Campinas: Pontes, 2014. p. 299-316.
- CANAGARAJAH, S. *Translingual practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations*. London: Routledge, 2013.
- COGO, A. English as a Lingua Franca: concepts, use, and implications. *ELT Journal*, London, v. 66, n. 1, p. 97-105, 2012.
- COGO, A.; DEWEY, M. *Analysing English as a lingua franca: a corpus-driven investigation*. London: Continuum, 2012.
- DEWEY, M. Towards a post-normative approach: learning the pedagogy of ELF. *Journal of English as a Lingua Franca*, Berlin, v. 1, n. 1, p. 141-170, 2012.
- DEWEY, M. Pedagogic criticality and ELF. *Atlantis*, Zurich, v. 36, n. 2, p. 11-30, 2014.
- EL KADRI, M. R. *Atitudes sobre o estatuto do inglês como língua franca em um curso de formação inicial de professores*. 2010. 179 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, 2010.
- EL KADRI, M.; CALVO, L. C.; GIMENEZ, T. *ELF in Brazilian teacher education programs*. In: CONFERENCE OF ENGLISH AS A LINGUA FRANCA. 7., 2014. Athens. *Anais...* Athens: 2015.
- EL KADRI, M. S.; GIMENEZ, T. Ensino de inglês como língua franca: uma reflexão. *Boletim: Centro de Letras e Ciências Humanas*, Londrina, v. 57, p. 167-182, 2009.
- EL KADRI, M. S.; GIMENEZ, T. Formando professores de inglês para o contexto do inglês como língua franca. *ActaScientiarum*, Maringá, v. 35, n. 2, p. 125-133, 2013.

- 
- FAIRCLOUGH, N. *Language and globalization*. London: Routledge, 2006.
- FRIEDRICH, P.; MATSUDA, A. When five words are not enough: a conceptual and terminological discussion of English as a Lingua Franca. *International Multilingual Research Journal*, Mahwah, NJ, v. 4, n. 1, p. 20-30, 2010.
- GIMENEZ, T. O inglês não é língua estrangeira. *Boletim NAPdate*, Londrina, n. 7, p. 1-4, 1 out. 1999.
- GIMENEZ, T. Beyond communication: teaching English in the age of globalization. *Claritas*, São Paulo, v. 13, p. 22-30, 2007.
- GIMENEZ, T.; EL KADRI, M. S.; CALVO, L.C.; PORFÍRIO, L.; SIQUEIRA, S. Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 593-619, [S.l.], No prelo.
- GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). *Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Campinas: Pontes, 2011.
- GIMENEZ, T.; CALVO, L. C.; EL KADRI, M. S. Beyond Madonna: teaching materials as windows into pre-service teachers' understandings of ELF. In: BAYYURT, Y.; AKCAN, S. (Ed.). *Current perspectives on pedagogy for ELF* De Gruyter Mouton. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015. p. 225-237.
- GRADDOL, D. *English next*. London: British Council, 2006.
- GRAY, J. English the industry. In: HEWINGS, A.; TAGG, C. (Ed.). *The politics of English: conflict, competition, and co-existence*. Milton Keynes: Routledge, 2012. p. 137-163.
- HEWINGS, A.; TAGG, C. (Ed.) *The politics of English: conflict, competition, and co-existence*. Milton Keynes: Routledge, 2012.
- JENKINS, J. *The phonology of English as an international language: new models, new norms, new goals*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- JENKINS, J. *English as a lingua franca: attitude and identity*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- JENKINS, J. *Global Englishes: a resource book for students*. 3th. London: Routledge, 2015.
- JORDÃO, C. M. ILA, ILF, ILE, ILG: quem dá conta? *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 13-40, jan./mar. 2014.
- KNAPP, K.; MEIERKORD, C. (Ed.). *Lingua franca communication*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2002.
- MACKENZIE, I. *English as a lingua franca: theorizing and teaching English*. London: Routledge, 2014.

- 
- MOITA LOPES, L. P. *Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação*. [S.l:s.n.], 2005. Mimeo,
- MOITA LOPES, L. P. Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 309-340, 2008.
- O'REGAN, J. English as a lingua franca: an immanent critique. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 35, n. 5, p. 533-552, 2014.
- ORTIZ, R. As ciências sociais e o inglês. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 19 n. 54, p. 5-23, 2004.
- PAKIR, A. English as a lingua franca: analyzing research frameworks in international English, world Englishes, and ELF. *World Englishes*, Oxford, v. 28, n. 2, p. 224-235, 2009.
- PARK, J. S; WEE, L. *Markets of English: linguistic capital and language policy in a globalizing world*. New York: London Routledge, 2012.
- PARK, J.S.; WEE, L. English as a Lingua Franca: lessons for language and mobility. *Multilingual Margins*, Bellville, v., n. 1, p.53-63, 2014.
- PENNYCOOK, A. *Global Englishes and transcultural flows*. London: Taylor & Francis, 2007.
- RAJAGOPALAN, K. The Outer Circle as a role model for the expanding circle. *English Today*, Cambridge, v. 27, n. 4, p. 58-63, 2011.
- RAJAGOPALAN, K. World English or World Englishes? Does it make any difference? *International Journal of Applied Linguistics*, Oslo, v. 22, n. 3, p. 373-391, 2012.
- SALLES, M. R.; GIMENEZ, T. Globalização e políticas educacionais: uma reflexão sobre o ensino e a formação de professores de língua inglesa no contexto brasileiro. *Entretextos*, Londrina, p. 150-160, 2008.
- SARACENI, Reflections on the Rhetorics on the (Re-)Location of English. *Changing English*, London, v. 18, n. 3, p. 277-285. Sep. 2011.
- SEARGENT, P. *Exploring World Englishes: language in a global context*. London: Routledge, 2012.
- SCHMITZ, J. R. Looking under Kachru's (1982, 1985) Three Circles Model of World Englishes: The Hidden Reality and Current Challenges. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 373-411, 2014.
- SEIDLHOFER, B. Research perspectives on teaching English as a Lingua Franca. *Annual Review of Applied Linguistics*, Cambridge, v. 24, p. 209-239, 2004.

---

SEIDLHOFER, B. *Understanding English as a lingua franca*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

SIFAKIS, N. The education of teachers of English as a lingua franca: a transformative perspective. *International Journal of Applied Linguistics, Oslo*, v. 17, n. 3, p. 355-375, 2007.

SIFAKIS, N. ELF awareness as an opportunity for change: a transformative perspective for ESOL teacher education. *Journal of English as a Lingua Franca, Berlin*, v. 3, n. 2, p. 317-335, 2014.

SIQUEIRA, D. S. P. Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. *Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 87-115.

WALKER, R. *Teaching the pronunciation of English as a lingua franca*. Oxford: Oxford University Press, 2010.